HENRYK SIENKIEWICZ

Vamos com Elle!

(... EDIÇÃO)

Tavares Cardoso & Irmão — Editores

LISBOA

Vamos com Elle!

DO MESMO AUCTOR

Quo Vadis? traducção de Lemos de Napoles, 2.ª edição escrupulosamente revista e emendada.

A ferro e fogo, traducção de Olympio Monteiro. É este romance, na opinião de abalisados criticos europeus, a *obra prima* de H. Sienkiewicz.

Os Cavalleiros da Cruz.

Vencêr ou morrêr. Drama, traducção do dr. Candido de Figueirêdo.

A familia Polaniecki.

O diluvio (a sahir do prélo) 2 grandes vol.

HENRIK SIENKIEWICZ

(*Auctor do QUO VADIS?*)

Vamos com Elle!

NOVELLA DO TEMPO DE CHRISTO

TRADUCÇÃO DE

C. MALHEIRO-DIAS

SEGUNDA EDIÇÃO

LISBOA

LIVRARIA EDITORA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO

5 — LARGO DE CAMÕES — 6

1901

« *Vamos com Elle!* é o mesmo thema e a mesma trama do *Quo Vadis*, mas mais concentrados na fórma e talvez mais vastos na ideia. Em breves imagens passam, deante vós, homens e cousas de Roma. de Alexandria, de Jerusalem: tres fócos da civilisação antiga; emquanto a vossa meditação ultrapassa lentamente os tres estadios da evolução religiosa: o culto, ora amavel e fino, ora cruel e brutal, do paganismo; a lei austera do Mosaismo; a doutrina de amor e de perdão do Christianismo. Simultaneamente, encontramo-nos ante o eterno problema da lucta do phariseu, conservador da tradição, e o idealista em procura da nobre chimera, a verdade de ámanhã... Coalisão tragica, de que o Nazareno foi a sublime victima, á qual servirão de holocausto espiatorio todos os generosos libertadores da humanidade.

As principaes personagens do *Vamos com Elle!* são Cinna, Antéa, Poncio Pilatos. Conhecemol-os já. São, com variantes psycologicas: Vinicio, Lygia, Petronio. Mas em logar do mundo pagão agonisante: a sua personificação horrivel: a face cadaverosa da Hecata!

Em vez dos apostolos Pedro e Paulo: o proprio Christo! No sitio do amphitheatro de Nero: o Calvario! E ainda a philosophia grega e o Sanhédrio judeu e o nobre Timon, investigador da Verdade pura pelo raciocinio especulativo. É toda a antiguidade na aurora da era nova.

Depois, em poucas palavras, o parallelo entre os rabinos, observadores implacaveis da legalidade juridica, e os formalistas modernos; entre a metaphysica dos estoicos e a philosophia pessimista contemporanea; entre a razão de Estado de Poncio-Pilatos e as razões dos governantes actuaes. Por fim, a salutar «inquietação» de Cinna, eterno tormento dos investigadores, analysada com maior desenvolvimento psycologico do que a conversão miraculosa de Vinicio.

Quo Vadis, é uma galeria de maravilhosos frescos, uma successão de peripecias commoventes, um thesouro de ideias e de paixões. *Vamos com Elle!* é uma agoa-forte vigorosa de retoque e colorido, reveladora de todo um mundo de sensações subtilissimas, férteis em reflexões inductivas.»

Vamos com Elle!

I

O patricio romano Caio Septimo Cinna passara a mocidade com as legiões, entre as quaes vivera a rude existencia dos campos de batalha.

Mais tarde regressou a Roma para gosar da sua gloria, e do luxo e opulencia que lhe permittia uma fortuna ainda consideravel, não obstante já meio desbaratada por grandes esbanjamentos.

Mas mergulhado em prazeres, depressa se saciara amplamente de quanto podia offerecer-lhe a Cidade magnifica.

As noutes passava-as em grandiosas orgias pelas sumptuosas *villas* suburbanas; os dias em exercicios nas casas dos lanistas[1], conversando e divagando eruditamente com os rhetoricos; ou pelas thermas, onde se esgrimiam todos os generos de dissertações e bisbilhotavam os escandalos da cidade; ou então no circo,

[1] Os que compravam e amestravam gladiadores para o circo.

ou ainda nas arenas de gladiadores, entre as feiticeiras da Thracia e as maravilhosas bailarinas das ilhas do Archipelago.

O illustre Lucullo era seu avoengo materno, e d'elle herdara Cinna o gosto pelas mais requintadas iguarias. Nas suas monopódias [1] de limoeiro havia sempre vinhos preciosos da Grecia, ostras de Napoles, os gordos gafanhotos do Ponto-Euxino, refugados em mel da Numidia. Tudo quanto Roma possuia de viveres raros encontrava-se em casa de Cinna, desde o peixe saboroso do Mar Vermelho até á perdiz branca das margens do Borysthenes.

Caio Cinna gosava d'estes beneficios da natureza, não como um soldado glutão, mas como um patricio elegante.

Procurára convencer-se — e talvez estivesse realmente convencido, — de que o dominava uma grande paixão pelas obras de arte. Enthusiasmavam-n'o as estatuas descobertas nas ruinas de Coryntho, as epilychnias [2] da Attica, os vasos da Etruria ou importados dos paizes vagos dos Séres [3], os mosaicos romanos, os estofos do Euphrates e os perfumes da Arabia — n'uma palavra, todas as faustosas bagatellas que preenchem delicadamente o vacuo de uma vida patricia.

[1] A mesa dos romanos abastados, movel redondo e baixo, erguido n'um pé de marfim. (Nota do traductor).

[2] Lampadas gregas.

[3] As regiões da Asia Oriental, hoje a China.

Cinna sabia discorrer com elegancia sobre estas variadas cousas, como um erudito e um amador, com os velhos desdentados que tinham por costume, antes de se recostarem nos triclinios, ornar a calva de corôas de rosas, e depois do festim mastigavam petalas de heliotropo para aromatisar o halito.

Sabia egualmente apreciar a belleza de um periodo de Cicero, de um verso de Horacio ou de Ovidio. Instruido por um rhetorico atheniense, fallava com desembaraço a lingua grega, sabia de cór cantos inteiros da Illiada, podendo, de taça na mão, recitar as estrophes de Anacreonte até á completa embriaguez, declamando com elegancia o ultimo verso, antes de cahir como uma pesada massa sob o triclinio.

Mercê do sabio mentor e de outros rhetoricos, possuia tambem noções de philosophia sufficientes para comprehender a architectura dos monumentos erectos outr'ora á Intelligencia, na Hellada e Colonias; e comprehendia que, de todos esses edificios soberbos e radiantes molles, apenas restava um montão de escombros e ruinas.

Conhecia em pessoa grande numero de estoicos, a quem, aliás, era hostil, considerando-os de preferencia como um partido politico, e ascetas que menoscabavam os prazeres da existencia.

Os scepticos sentavam-se muitas vezes á sua mesa, demoliam entre dous pratos uma quantidade consideravel de systemas philosophicos, declarando, ao erguer as crateras transbordantes de vinho, que o prazer era cousa vã, a verdade cousa irrealisavel, e o designio

do sabio outra cousa não podia ser senão o repouso : a inercia !

Cinna ouvia todos estes discursos, mas ligava-lhes uma importancia mediocre

Não professava nenhuma opinião, nem fazia empenho em adquiril-a. Catão era para elle a personificação de uma enorme energia alliada a uma immensa necedade.

Julgava a vida á semelhança de um mar, sobre o qual sopra um desordenado vento ; e pensava que a sabedoria unica consistia em desfraldar as velas ao vento, de fórma que o seu sôpro fizesse avançar a barca.

Além de que, Cinna tinha um gosto soberano pelos largos hombros, pelo estomago solido, pela bella cabeça de perfil aquilino e queixo poderoso.

D'ahi a sua certeza de que, assim armado, a existencia devia, no fim de contas, ser-lhe facil.

Sem pertencer á escola dos scepticos, nem por isso era menos sceptico do que elles, e ao mesmo tempo cyrenaico, apesar de reconhecer que os prazeres não constituiam ainda a felicidade.

E embora ignorasse a verdadeira doutrina de Epicuro, considerava-se um epicurista !

Em geral, tinha a philosophia por um singelo exercicio intellectual, tão util como aquelles a que o obrigava o lanista. Quando o fatigavam as dissertações eruditas, ia ao circo para ver correr o sangue.

Não acreditava mais nos Deuses do que na Virtude, na Verdade e na Ventura. Tinha, quando muito,

grande fé na magia. Era superstícioso e seduziam-n'o os mysterios das religiões orientaes.

Era benigno para com os escravos, quando o tedio lhe não açulava uma ferocidade cruel.

A sua ideia sobre a Vida extrahia-a da comparação com uma amphora.

Quanto mais precioso é o vinho que encerra, tanto maior o seu valor. Assim, fazia o possivel, o illustre Cinna, por encher a vida de quanto havia de precioso e de melhor na terra.

Não amava ninguem. Mas muitas cousas conseguiam agradar-lhe, entre outras a propria cabeça, de soberbo craneo, e a elegancia do pé patricio, alvo na crépida de prata ou bronze.

Durante os primeiros annos da sua vida jovial, Caio entretivera-se em assombrar Roma com as suas excentricidades. Muitas vezes sahiu-se bem d'essa difficil missão.

Depois, isso mesmo, egualmente o fatigou.

II

Sobreveio a ruina.

Os bens de Caio cahiram nas mãos dos credores. Apenas lhe sobejava fadiga — como depois de um acabrunhador trabalho, — saciedade e alguma cousa ainda de nunca experimentado: uma inquietação vaga mas profunda. E comtudo, gosara plenamente a riqueza, o amor — tal como a humanidade o comprehendia então, — desfructara todos os luxos e a gloria militar; experimentara os mais emocionantes perigos; approximara-se mais ou menos dos limites do pensamento humano; fôra sensivel á poesia e á arte. Podia pois conjecturar que extrahira da vida tudo quanto ella podia offerecer-lhe de valioso.

E eis que ao presente sobrevinha-lhe a sensação de haver esquecido e despresado alguma cousa, e que essa alguma cousa era importante. Mas ignorava o que poderia ser e atormentava-se em vão.

Muitas vezes tentava afugentar essas ideias, sa-

cudir a inquietação que o invadira, persuadir-se de que nada mais existia, que nada mais podia haver de precioso na vida; e entretanto a inquietação, em vez de se dissipar, augmentava, e a tal ponto que lhe parecia sobrevir d'alli um desassocego angustioso, não só por elle mas pelo proprio imperio!

Ao mesmo tempo, invejava acremente os scepticos e tinha-os na conta de miseraveis nescios, porque affirmavam que esse vácuo podia perfeitamente preencher-se com cousa nenhuma.

Desde então, em Cinna, pareciam viver dous homens: um que se admirava da propria inquietação; o outro que, a seu pesar, a julgava absolutamente justificada.

Depois da perda da fortuna, e mercê da influencia de parentes poderosos, partira a governar Alexandria, para onde fôra enviado com a esperança de restaurar as finanças avariadas n'essa região fertil e rica.

Porém, em Brindisi, embarcou com elle a inquietação, que o acompanhou durante toda a viagem através os mares.

As suas novas funcções, os novos conhecimentos, um paiz novo e novas impressões, deviam, pensava Cinna, desembaraçal-o da importuna companheira.

Enganava-se. Um mez passou, outro depois: e semelhante á semente trazida da Italia por Demetrio, que mais luxuriosamente germinava no solo fecundo do Delta, assim a angustia de Cinna, como um ar-

busto transformado n'um cedro denso, projectou cada vez uma sombra maior na sua alma.

A principio experimentou destruir aquella perturbação, subordinando a existencia ao sabôr das dissipações de Roma.

Alexandria era uma cidade soberba, rica em mulheres gregas de cabelleira fulva e delicada epiderme, que o sol do Egypto dourava com uns tons de ambar translucido. Cinna procurou o esquecimento nos seus luxuriosos braços.

Mas desde que lhes reconheceu o impudor e a vaidade, começou a frequentar o seu potente cerebro a ideia do suicidio. Grande numero de amigos tinham-se liberto por esse processo dos cuidados da vida, e com razões bem mais futeis ainda. Uns por tedio, ou porque sentiam a inutilidade da existencia; outros porque lhes faltava o appetite de gosar dos beneficios terrestres. E para isso bastava um escravo que soubesse empunhar o gladio por um instante, com pulso firme...

Este pensamento apoderou-se de Cinna; e pensava já em realisal-o. Mas um estranho sonho impediu-o de consumar o tragico proposito.

Ia atravessando um rio, quando na margem opposta avistou a sua inquietação sob as feições de uma escrava fatigada, que o saudou e lhe disse:

«Passei adeante para vir ao teu encontro».

Pela primeira vez, Cinna teve medo. Comprehendeu que se lhe era impossivel reflectir na vida de

alem-tumulo, liberto da Inquietação, esta não deixaria de o seguir egualmente depois da morte.

Como ultima precaução, resolveu approximar-se dos sabios que formigavam em Serapis, na esperança de que encontraria entre elles a solução do enygma.

Estes philosophos, é verdade que a não poderam descobrir. Em compensação concederam a Cinna o titulo de τοῦ μουσείου, privilegio dos Romanos de grande nascimento e alta condição.

O consolo era debil, e o titulo de sapiente, attribuido a um homem incapaz de definir o que mais o preoccupava, podia parecer ironico. Mas Cinna pensou que Serapis não desvenda de uma só vez toda a sciencia, e não perdeu de todo a esperança.

O mais cotado entre todos os philosophos de Alexandria era o nobre Timon, atheniense, cidadão romano, personagem consideravel. Vivia desde muitos annos em Alexandria, onde viera estudar a sciencia mysteriosa do Egypto. Dizia-se não existir um unico pergaminho ou papyro na bibliotheca que elle não tivesse lido, e que possuia toda a sabedoria humana. A par d'isso, era um homem benevolo e perspicaz.

Entre a quantidade de pedantes commentadores, de cerebro obtuso, Cinna distinguiu-o logo e ligou-se com elle até tornar-se o seu amigo intimo.

O joven Romano ficou surprehendido da facilidade de dialectica do velho e da eloquencia com que commentava a alta significação da humanidade e do universo. E o que mais o impressionou foi observar

que as profundas palavras de Timon eram sempre repassadas de uma mysteriosa tristeza.

Mais tarde, quando as suas relações se estreitaram ainda mais, Cinna sentiu um immenso desejo de interrogar o velho philosopho sobre a causa d'aquella melancholia, e por sua vez abrir-lhe o coração.

Não tardou que se lhe proporcionasse o ensejo.

III

Uma noute, depois de uma conversa animada sobre o caminho que as almas percorrem nas regiões extra-terrestres, Cinna e Timon ficaram sós no terraço, de onde a vista se espraiava pelas extensões liquidas do mar.

O joven Romano, pegando na mão do velho, confessou-lhe em que consistia a maior angustia da sua vida e o fim para que procurara ligar-se com os sabios e os philosophos de Serapis.

— Ao menos, Timon, — acrescentou para concluir, — n'isso ganhei o conhecer-te, e hoje sei, que se tú tambem não conseguires resolver o enygma da minha vida, ninguem mais sobre a terra o conseguirá.

Timon contemplou longamente as agoas que se estendiam na frente e onde se reflectia o crescente da lua.

Depois disse:

— Já viste, Cinna, as migrações de passaros que

chegam, logo ao começar o inverno, das trevas do norte? Sabes o que veem procurar no Egypto?

— Sei. O calor e a luz.

— As almas procuram tambem o calor, que outra cousa não é senão o Amor; e a luz, que não é outra cousa senão a Verdade. Mas o passaro sabe para onde deve voar em procura da felicidade, emquanto as almas voam no desconhecido, na tristeza e na inquietação.

—E porque é, nobre Timon, que não podem encontrar o seu caminho?

— Outr'ora a fé nos Deuses dava a quietação; hoje, essa fé consumiu-se como o oleo das lampadas. Mais tarde, imaginou-se que a philosophia luziria para as almas como um sol de verdade; hoje, tu bem o sabes, sobre as suas ruinas, em Roma, em Athenas, como aqui, sentaram-se os scepticos, que pensam trazer a tranquillidade quando apenas arrastam comsigo a perplexidade. Desviarmo-nos da luz e do calor, é deixar a alma immersa em trevas; e as trevas são a Inquietação. E como assim seja, com as mãos estendidas á nossa frente, investiguemos o caminho...

— Tu proprio ainda o não encontraste?

— Procurei-o e não o encontrei. Tu procuraste-o nos prazeres, eu no pensamento. E ambos nos envolvemos na mesma obscuridade. Fica pois sabendo que não és o unico a soffrer e que dentro em ti é a propria alma do universo que soffre... Desde ha muito que deixaste de crer nos Deuses?

— Em Roma ainda os honramos publicamente, e

introduziram-se mesmo deuses novos, vindos da Asia e do Egypto. Mas só talvez os vendedores de legumes, que entram pela manhã na cidade, chegados dos suburbios, n'elles ainda creem sinceramente.

— E são os unicos que teem repouso.

— Como aqui, para aquelles que saudam até á terra os gatos e as cebolas.

— O mesmo para aquelles que, á semelhança dos animaes, a cousa alguma aspiram senão a adormecer depois de fartos.

— Mas sendo assim, vale a pena viver?

— Por acaso sabemos nós o que nos reserva a morte?

— Que differença ha então entre ti e os scepticos?

— Os scepticos habituam-se ás trevas, ou fingem acostumar-se, emquanto que eu soffro.

— E não enxergas a salvação?

Timon calou-se por um momento. Depois, lentamente e hesitando, disse:

— Estou á espera d'ella...

— De onde?

— Não sei.

Apoiou a cabeça nas mãos; e talvez sob o imperio do silencio e da paz que reinavam no terraço, murmurou n'uma dolente voz quasi sumida:

— Cousa singular! Parece-me ás vezes que se o mundo não contivesse senão o que nós d'elle conhecemos, e se mesmo não podessemos vir a ser mais do que aquillo que somos, não experimentariamos inquie-

*

tação alguma... Assim, na propria fonte da doença vou procurar a esperança da cura... A fé no Olympo e na Philosophia está morta; mas a redempção reside talvez n'alguma verdade nova que eu não conheço..

....

Contra a sua espectativa, esta conferencia nocturna trouxe á alma de Cinna um immenso allivio.

Sabendo não ser o unico a soffrer da mysteriosa doença, mas a humanidade inteira, experimentou a sensação de um homem a quem se alija de um enorme peso para o repartir sobre milhares de hombros.

IV

A amisade entre Cinna e o velho Grego estreitava-se de dia para dia. Frequentavam-se; e jantando juntos compartilhavam ao mesmo tempo os pensamentos e o pão.

Mas apesar da experiencia da vida e da lassidão que lhe sobreviera á saciedade, Cinna era ainda demasiado novo para que a existencia lhe não houvesse guardado algum attractivo inedito.

Este attractivo encontrou-o na filha unica de Timon: Antéa.

A nomeada de Antéa, em Alexandria, não era menor do que a de Timon, venerada pelos nobres Romanos que frequentavam a casa do sabio, venerada pelos Gregos, venerada pelos philosophos de Serapis, venerada pela turba!

Timon não a encerrara n'um gyneceo, como era o costume para o resto das mulheres. Ao contrario, procurava dar-lhe a conhecer tudo quanto elle mesmo conhecia.

Desde a puericia proporcionara-lhe a leitura dos livros gregos e até dos romanos e hebraicos. Dotada de uma miraculosa memoria, educada na cidade cosmopolita que era Alexandria n'esse tempo, a virgem tivera o dom de aprender e entender as diversas linguas.

Como um alliado de intelligencia, associava os seus pensamentos aos de Timon, tomava parte muitas vezes nas conversas durante as symposes[1] effectuadas em casa do philosopho; e muitas vezes tambem no labyrintho das dissertações difficeis, sabia, ella só, encontrar o caminho, como Ariana, e conduzir os outros atrás de si.

O proprio Timon admirava-a e respeitava-a.

E ainda mais! Antéa vivia circumdada como por uma aureola de mysteriosa graça, quasi de santidade, porque tinha sonhos propheticos e via cousas invisiveis aos olhos profanos dos mortaes!

O velho sabio amava-a como á sua alma; amava-a sobretudo pelo receio de a perder. Em algumas occasiões Antéa affirmava que lhe appareciam em sonhos sêres hostis, cercados de uma luz maravilhosa, sem que podesse adivinhar se aquillo devera ser para ella a causa da vida ou da morte. Ao presente, Antéa vivia rodeada de amor. Os Egypcios que visitavam Timon, denominavam-n'a o «lotus», sem duvida porque esta flôr gosava de uma veneração divina nas margens do Nilo; sem duvida tambem porque todo

[1] Festins gregos.

aquelle que houvesse visto Antéa uma vez, esquecia por ella o mundo inteiro.

A sua belleza egualava a sua sabedoria. O sol do Egypto não lhe crestara o rosto. Os raios dourados da aurora pareciam ter-se-lhe embebido na epiderme, rosada como uma concha de nacar transparente. Os seus olhos reflectiam o azul do Nilo e o seu olhar parecia sahir das mesmas profundidades mysteriosas que as agoas do estuario.

Quando Cinna, depois de a ter visto e escutado pela primeira vez, entrou em casa, sentiu desejos de lhe erguer um altar no atrio da sua morada e sacrificar-lhe uma nuvem de pombas brancas.

Encontrara na vida milhares de mulheres, desde as donzellas do longinquo Norte, de cilios brancos e cabellos côr de estriga, até ás Numidas, negras como lava calcinada; mas nunca vira ainda um rosto semelhante e uma semelhante alma. E quanto mais a via, a penetrava, a escutava, mais tambem a sua surpreza ia augmentando. A instantes admittia — elle, o incredulo! — que Antéa não podia ser a filha de Timon, mas uma filha dos Deuses, semi-humana e semi-divina.

Em breve, amou-a com um amor inesperado, profundo e invencivel, tão grandiosamente differente dos outros amores, como Antéa era differente das outras mulheres.

Quizera-a possuir unicamente para a venerar. Para a ter, estava prompto a dar todo o seu sangue. Teria preferido ser pobre, com ella, a ser Cesar sem ella.

E como um turbilhão de mar arrasta com irresis-

tivel força tudo quanto entra no seu redemoinho, o amor de Cinna apoderou-se-lhe da alma, do coração, dos pensamentos, dos dias, das noutes — de tudo o que é a vida!

Depois, entre os seus braços, o amor alvorotou tambem Antéa.

« Tu felix, Cinna! » repetiam-lhe os amigos.

« Tu felix, Cinna! » repetia elle a si proprio no dia das bodas, quando os labios divinos da virgem proferiram as palavras sacramentaes:

— Onde tu estiveres, Caio, eu estarei, Caia!

E então, parecia-lhe que a felicidade era para elle incomensuravel e infinita como os extensos mares.

V

Decorreu um anno, durante o qual Antéa foi rodeada no lar de uma adoração quasi divina. Era para o marido como a pupilla dos olhos: o amor, a sabedoria e a luz!

Mas na comparação que fizera da sua felicidade com o mar, Cinna esquecera que o mar tem tambem os seus refluxos.

Ao cabo de um anno, uma doença terrivel e mysteriosa apoderou-se de Antéa. Visões medonhas perturbaram-lhe o somno e estancaram n'ella a fonte da vida. Os raios da aurora apagaram-se no seu rosto, deixando-lhe apenas a transparencia do nacar. As mãos tornaram-se diaphanas. Os olhos sumiram-se nas orbitas. O «lotus» côr de rosa empallideceu até transformar-se n'um «lotus» branco, branco como uma face de morta.

Viram-se voejar abutres sobre a morada de Cinna, o que é considerado no Egypto como um funebre presagio.

As visões de Antéa tornavam-se cada vez mais pavorosas. Quando, em pleno meio-dia, o sol inundava a terra com a sua luz branca e o silencio pairava sobre a cidade, Antéa cuidava ouvir em redor os passos rapidos de sêres invisiveis e avistar, na profundidade do ether, uma face de cadaver, mirrada e amarella, que a fixava com uns olhos de azeviche. E esses olhos pareciam chamal-a a qualquer parte, em direcção ás mysteriosas trevas.

Então, a febre estremecia o corpo de Antéa, a sua face pallida gottejava um suor algido. A sacerdotisa venerada do lar domestico transformava-se n'uma creança desarmada, terrificada, e escondia o rosto no peito do marido, repetindo com os labios exangues:

— Salva-me, Caio, salva-me!

Caio lançar-se-hia contra todos os phantasmas que Persephona fizesse surgir das entranhas da terra, mas procurava-os em vão no espaço. Como sempre, ao meio-dia, nada havia em redor: uma branca luz inundava a cidade; o mar parecia incandescente ao sol, e só repercutiam no silencio os gritos dos abutres, que esvoaçavam em sinistras elypses sobre a casa.

As visões, cada vez mais frequentes, tornaram-se quotidianas. Perseguiam Antéa na rua, no átrio e nos aposentos interiores do palacio.

A conselho dos medicos, Cinna mandou vir tocadoras egypcias de sambuca, e beduinos, com as suas flautas de argila, que deviam abafar sob a estridente musica os passos dos invisiveis espectros.

Mas em vão. Antéa ouvia essses passos a meio das

mais ruidosas conversas, e quando o sol se erguia, tão alto que a sombra jazia aos pés do homem como um manto cahido dos seus hombros, na atmosphera fremente de calôr surgia a cadaverosa face, que olhava Antéa com os olhos vitreos e recuava lentamente, como a dizer-lhe:

«Vem commigo!»

VI

A momentos, parecia a Antéa que os labios da apparição se agitavam imperceptivelmente, e de algumas vezes que de entre elles sahiam escaravelhos negros e repulsivos, que para ella voavam.

Só em pensar nas visões, o olhar embaciava-se-lhe de terror.

De tal maneira, que a vida apparecia-lhe como uma cadeia ininterrupta de agudos soffrimentos e que já a misera supplicava a Cinna que a trespassasse com um gladio ou lhe concedesse licença para se envenenar. Mas nunca Cinna poderia consentir em semelhante horror. Com o seu gladio teria aberto as veias, se isso a podesse consolar, mas nunca teria animo para matal-a.

Quando se lhe representava na imaginação aquella adorada cabecita morta, de palpebras descidas, empedernida n'uma immobilidade glacial e aquelle seio macio e branco atravessado pela lamina da sua espada,

sentia que enlouqueceria antes de resolver-se ao medonho attentado! Um medico grego dissera-lhe ser Hécata quem apparecia a Antéa, e que os invisiveis espectros que horrorisavam a doente formavam o sequito da temerosa divindade. Na sua opinião, não havia salvação possivel para Antéa. Quem via Hécata tinha de morrer.

Então Cinna, que outr'ora escarnecia a crença de Hécata, offereceu-lhe uma hecatombe em sacrificio. Mas o holocausto não trouxe nenhum allivio para a doente, e no dia seguinte os olhos lugubres fixaram Antéa como d'antes.

Experimentou-se cobrir-lhe a cabeça; mas ella via a face cadaverosa através os mais espessos véos. Quando se achava n'um aposento obscuro, essa face apparecia na parede, dissipando as trevas com a sua luz penetrante e livida.

De noute, a padecente sentia-se melhor. Ficava então mergulhada n'um profundo somno, de que Cinna e Timon temiam ás vezes que nunca mais acordasse.

Por fim, tornou-se tal a sua fraqueza que lhe era impossivel caminhar sem amparo e foi preciso transportal-a n'uma liteira.

A velha inquietação de Cinna redobrou e apoderou-se de novo completamente d'elle. Era agora constituida por um ancioso receio pela vida de Antéa e pela estranha sensação de que essa doença tinha um mysterioso élo com quanto de perturbante fôra proferido na sua conversa intima com Timon.

O velho sabio tinha talvez identico pensamento, mas Cinna receava interrogal-o.

Entretanto, a doente consumia-se como uma flôr em cujo calice se intrometteu um venenoso verme.

Cinna, apesar de desfallecido, defendia a mulher adorada com todas as energias do desespero.

Primeiro levou-a para o deserto, nas cercanias de Memphis.

Vendo porém que a residencia á sombra das Pyramides a não libertava das medonhas visões, voltou a Alexandria e cercou-a de videntes e feiticeiras que esconjuravam as doenças: turba de impudentes magas que pelas suas práticas occultas engodavam a humana credulidade.

Cinna não escolhia; lançava mão de todos os expedientes.

Por esse tempo chegou de Cesaréa a Alexandria um medico celebre, o hebreu Josó, filho de Khuza.

Cinna chamou-o desde logo para junto de Antéa e depressa a esperança se reaccendeu no seu coração apagado.

Josó, que não acreditava nem nos Deuses da Grecia nem nos Deuses romanos, rejeitou com despreso a supposição de que a doença fosse devida á influencia de Hécata. Admittia antes a influencia dos demonios e aconselhava a que deixassem o Egypto, onde, independentemente d'esses demonios, a saude de Antéa podia ser compromettida com as emanações pantanosas do Delta. O seu parecer — talvez por ser Judeu, — era que se transportassem para Jerusalem, a cidade

que os demonios não podiam infestar e onde os ares eram saudaveis e fortes.

Cinna seguiu esse conselho com a maior satisfação; primeiro porque não lhe restava mais recurso algum, e depois porque Jerusalem era governada por um seu amigo, cujos ascendentes haviam sido os clientes da casa dos Cinnas.

E com effeito, o pretor Poncio acolheu os juvenis esposos de braços abertos e poz á disposição d'elles a sua casa de verão, situada perto das muralhas da cidade.

Mas já a esperança de Cinna se dissipara antes da chegada a Jerusalem. Mesmo sobre o convés da galera, a face espectral olhava Antéa; e quando alcançou o termo da viagem, a padecente esperava a hora meridiana com o mesmo pavor que em Alexandria

De novo se passaram os dias na tristeza, no terror, no desespero, na espectação da morte.

VII

No atrio estava um calor ardente, apesar da fonte, da sombra do portico e da hora matinal. O marmore branco escaldava ao sol da primavera.

Felizmente, não mui longe da casa, havia um velho alfostigueiro, cuja ramaria extensa cobria de sombra um grande espaço. De tempos a tempos uma aragem perpassava n'este descampado. Cinna mandou transportar para alli a liteira toda ornada de jacynthos e de flôres de vergel, entre as quaes vinha estendida Antéa. Sentou-se perto d'ella, pousou a mão sobre a mão branca como alabastro da joven esposa e perguntou:

— Sentes-te bem, minha adorada?

— Muito bem — respondeu Antéa com uma voz a custo perceptivel.

E baixou as palpebras como se o somno chegasse.

Fez-se um silencio. Apenas a brisa rumorejava nas ramarias do alfostigueiro, emquanto sobre o solo, em redor da liteira, se moviam as nodoas de ouro dos raios solares, filtrados através da folhagem, e os gafanhotes saltavam pelas fragas cinzentas.

Depois de um instante, a doente abriu os olhos.

— Caio — disse, — é verdade que n'este paiz appareceu um philosopho que sara os doentes?

— Aqui dá-se o nome de prophetas a esses homens — respondeu Cinna. — Ouvi fallar d'esse, e tive vontade de chamal'o. Mas parece que não passa de um mago astucioso. Alem de que, blasfema contra as cousas sagradas e as crenças do paiz. Por essa razão, o pretor o condemnou á morte. Devem crucifical'o ainda hoje.

Antéa vergou a cabeça.

— Ha de ser o tempo que te ha de curar — disse Cinna, lendo a tristeza no pallido semblante da doente.

— O tempo está ao serviço da morte, não ao serviço da vida — respondeu ella, lentamente.

De novo fez-se um silencio.

Em redor, as nodoas de ouro continuavam a scintillar e a resplandecer. Os gafanhotos faziam vibrar mais fortemente as azas, e das fendas dos rochedos sahiam sardoniscas a installarem-se na pedra ardente.

De vez em quando, Cinna olhava Antéa. Pela millesima vez acudia-lhe a desesperadora ideia de que estavam esgotados todos os recursos de salvação, toda a vã esperança, e que em breve, do ser adorado, nada mais restaria do que uma sombra ephemera e uma pitada de cinza no columbario[1].

E já agora, de olhos fechados, estendida na liteira florida, Antéa parecia morta.

---

[1] Jazigo subterraneo em que os romanos collocavam as urnas funerarias. (Nota do traductor).

«Irei comtigo!» murmurava Cinna.

N'este momento ouviu-se um rumôr de passos.

Antéa empallideceu ainda mais. Os seus labios entreabertos aspiravam com avidez o ar, o peito erguia-se-lhe n'um resfolegar oppresso.

A pobre martyr pensava que a multidão de invisiveis espectros se ia approximando, a annunciar o apparecimento da face de cadaver, de orbitas vitreas.

Mas Cinna pegou-lhe na mão e fez por tranquillisal-a.

— Nada receies, Antéa! Tambem eu ouço os passos.

Um instante depois, acrescentou:

— É Poncio que nos vem visitar.

Com effeito, na curva do atalho, o pretor surgiu, escoltado por dous escravos.

Era homem de meia edade, com o queixo redondo e glabro, que transpirava magestade fingida, ao mesmo tempo que lassidão e inquietação verdadeiras.

— Salvé, nobre Cinna, e a ti, divina Antéa — disse, entrando na sombra do alfostigueiro. — Que abrasadora manhã depois de noute tão fria!.. Mas que ella vos traga felicidade a ambos, e que a saude de Antéa refloresça como estes jacynthos e estas flôres de pomar que ornam a liteira!

— Salvé a ti tambem, Poncio. Sê bemvindo! — respondeu Cinna.

O pretor sentou-se sobre uma anfractuosidade da rocha, contemplou a joven patricia, franziu levemente as sobrancelhas e disse:

— O isolamento faz nascer a doença e o tedio, emquanto que no meio da multidão esquecem-se ás vezes

receios desrazoados. Vou por isso dar-vos um conselho. Desgraçadamente, isto aqui não é Antiochia nem Cesaréa; não ha jogos nem arenas; e se organisassemos um circo, os fanaticos reduzil-o-hiam a ruinas no dia seguinte. Não se ouve por aqui pronunciar senão a palavra: «Lei», e a lei contraría tudo. Preferiria viver antes na Scythia do que n'este paiz.

— Que ias tu a dizer, Pilatos?

— É verdade, afastei-me do assumpto. Os meus cuidados dão causa a estas irreflexões. Ia dizendo que entre a turba não ha a opportunidade para esses pavores injustificaveis. Precisamente hoje, podieis aproveitar um espectaculo. Em Jerusalem devemos contentar-nos com pouco. É necessario conseguir, sobre tudo, que Antéa se encontre á hora do meio-dia entre a multidão. Tres homens devem morrer hoje na cruz. Como vêdes, é pouco. Mas é tudo o que tenho para offerecer-vos. Acresce que por occasião da Paschoa, os mais singulares mendigos concorrem á cidade, de todos os pontos da região. Podeis contemplar á vontade essa gente. Darei ordem para que vos reservem um bom logar, perto das cruzes. Espero que os condemnados morrerão corajosamente. Um d'elles — estranho personagem! — intitula-se Filho de Deus. É terno e benigno como uma pomba, e com effeito nenhum crime commetteu pelo qual mereça o supplicio.

— E condemnaste o a ser crucificado?

— Empenhei-me em evitar toda a especie de dissabores, e ao mesmo tempo em não mexer no ninho de vespas que zumbem em volta do templo. Já não são

poucas as queixas que contra mim mandam todos os dias para Roma. E afinal, como não se trata de um cidadão romano...

— O condemnado não soffrerá menos por isso!

O pretor não respondeu logo. Sómente passados alguns minutos recomeçou a fallar como se estivera pensando alto:

— Ha uma cousa para mim insupportavel: o exagero. Quem quer que seja, que diante de mim pronuncie semelhante palavra, põe-me de mau humôr para todo o dia. O meio termo, eis onde a minha sabedoria me dicta de permanecer. Acontece que não ha por toda a terra outro paiz onde mais deva ser rigorosa esta lei, do que n'este. Como tudo isto me é penoso! Em parte alguma encontro, nos homens ou na natureza, a paz e o equilibrio... Senão, repara. Estamos na primavera. Pois bem! As noutes são glaciaes, e os dias tão quentes que as pedras escaldam as plantas dos pés. Ainda estamos longe do meio-dia e vê este sol de cratéra! Emquanto aos homens, mais vale não fallar d'elles. Mas emfim, não se trata d'isso... Mais uma vez, desviei-me do assumpto... Ide assistir ao supplicio. Tenho a certeza de que esse Nazareno saberá morrer com coragem. Dei ordens para o fustigarem, julgando salval-o assim da morte. Nunca fui um homem cruel... Emquanto o vergastavam, permaneceu paciente como um cordeiro e abençoava o povo. Quando o sangue o inundava, erguia os olhos para o céo e orava. É o homem mais extraordinario que tenho visto em dias de minha vida... Desde essa hora,

minha mulher não me deixou tranquillo um só instante: «Não faças padecer um innocente!» — não cessava de dizer-me. Era esse tambem o meu desejo. Por duas vezes sahi do pretorio para fallar a esses sacerdotes furiosos, a essa plebe miseravel. Tempo perdido! Como uma só voz, gritavam-me, de cabeça derribada para a nuca e a bocca escancarada até ás orelhas:

« Crucifica-o! »

— E tu cedeste? — perguntou Cinna.

— De outra maneira, haveria indignação pela cidade, e eu estou aqui para manter a ordem. Tenho que cumprir o meu dever... Detesto os exageros. E alem de tudo, sinto-me profundamente cansado... Mas desde que decidi uma cousa, sacrifico sem hesitação a vida de um homem pelo bem de todos, tanto mais que este é um desconhecido e ninguem se importará com elle. Peor para o philosopho, se não é um Romano!

— O sol não luz apenas para Roma, — fez notar Antéa.

— Divina Antéa, — replicou o pretor, — poderia responder-te que, sobre toda a terra, elle apenas brilha para o poder romano; e que a elle se deve sacrificar tudo! Quanto mais, os agitadores que o compromettem! Mas antes de mais nada, supplico-te, não me peças para revogar a sentença. Cinna póde certificar-te de que é impossivel. Uma vez a sentença proferida, só Cesar póde revogal-a. Assim, mesmo que eu quizesse, não poderia fazel-o. Não é verdade, Caio?

— É verdade.

Mas era evidente que estas palavras tinham produzido uma penosa impressão em Antéa, que disse, como se fallasse comsigo mesma:

— Pode-se pois soffrer e morrer, sendo innocente?

— Não se trata de innocentes — respondeu Poncio. — Este Nazareno não commetteu crimes. Por isso, como pretor, d'ahi lavei as mãos. Mas como homem, condemno as suas doutrinas. De proposito, conversei muito tempo com elle. Queria sonda-lo e convenci-me de que ensinava espantosas cousas... É bastante difficil de comprehender. A vida da humanidade deve ser baseada na razão... É necessaria a virtude? Quem o nega? Eu, por certo, não. Os proprios estoicos prescrevem que se permaneça calmo em face de uma opinião contradictoria. Mas os estoicos não exigem o desprendimento de tudo, desde a fortuna até á refeição do dia presente. Dize-me, Cinna, — tu que és um homem razoavel, — que pensarias de mim se, sem o menor motivo, désse esta casa que habitas áquelle farroupilha que se está aquecendo ao sol, lá ao longe, perto da porta de Jaffa?

«Entretanto, é o que elle pede!... Diz tambem que é preciso amar a humanidade inteira, sem distincção: os Hebreus como os Romanos, os Romanos como os Egypcios, os Egypcios como os Africanos, e assim sucessivamente. Então, isso bastou-me! Nas occasiões em que para elle se debatia uma questão de vida ou de morte, haverias de dizer que nem d'elle se tratava. N'esses momentos, apenas duas cousas o preo-

cupavam: ensinar e orar. Ora, eu não tenho como dever salvar a vida áquelles que pouco caso parecem fazer d'ella. E afinal, elle intitula-se Filho de Deus. Abala os alicerces da sociedade: é pois nocivo aos homens. Que pense como quizer, tem liberdade para isso; mas não para abalar as bases sociaes e subverte-las... Como homem privado, protesto contra a sua doutrina. Admittamos que não creio nos Deuses. Ninguem tem nada que vêr com isso, senão eu. Entretanto reconheço a necessidade da religião. Affirmo-o em alta voz, porque estou convencido de que a religião é um indispensavel freio para a populaça. Os cavallos devem ser atrelados ao carro, e bem atrelados. . Demais, a morte não deve assustar esse Nazareno: pretende que resuscitará!

Cinna e Antéa trocaram um olhar de surpreza.

— Resuscitará?

— Em tres dias, nem mais, nem menos. Os seus discipulos assim o prégam tambem. Esqueci-me de o interrogar sobre este assumpto. Mas isso pouco importa, desde que a morte desobriga das promessas... Mesmo que não resuscitasse, nada perderia com isso, porque, segundo a sua propria doutrina, a verdadeira felicidade, assim como a vida eterna, apenas começam após a morte. Diz estas cousas fabulosas com absoluta convicção. Ha mais claridade no seu Hades do que em todo o mundo sublunar. Quem mais soffre na terra, mais probabilidades tem de habitar as nuvens! Basta para isso amar, amar ainda, amar sempre!

— Singular doutrina! — exclamou Antéa.

— E a plebe gritava-te: «Crucifica-o!» — exclamou por sua vez Cinna.

— Isso não me surprehendeu. A alma d'este povo é feita de odio. Quem, senão o *Odio*, é capaz de exigir a cruz em troca do amor?

Antéa passou a mão emmagrecida pela fronte:

— Será certo qne se pode viver e ser feliz depois da morte?

— N'essa persuasão elle não teme a cruz nem a morte...

— Quanto seria delicioso, Caio!

Passado um momento, Antéa perguntou ainda:

— Mas como o sabe elle?

O pretor fez um gesto:

— Pretende sabel-o do Pae de todos os homens, que é para os judeus o que para nós é Jupiter, com a distincção apenas de que, segundo o Nazareno, Elle é unico e misericordioso.

— Quanto seria bom, Caio! — repetiu a doente.

Cinna entreabriu os labios, como se tivera alguma cousa para dizer, mas calou-se e a conversa morreu.

Poncio, pensando sem duvida na doutrina do Nazareno, meneava a cabeça e encolhia os hombros.

Afinal ergueu-se para despedir-se.

Subitamente, Antéa disse:

— Caio, vamos vêr o Nazareno!

— Apressae-vos! — observou Pilatos, afastando-se, — em breve o cortejo sahirá da cidade.

VIII

Approximava-se o meio-dia. A manhã, primeiro calida e serena, principiava a ennevoar-se. Do nordeste acudiam nuvens, negras e de um vermelho de cobre, pequenas mas espessas, evidentemente impregnadas de tempestade, que a espaços deixavam ainda vêr o azul do céo. Mas dentro em breve, unidas, esconderiam sob um escuro véo todo o firmamento. O sol franjava as suas fimbrias com rendas de ouro.

Por cima da cidade e das collinas visinhas uma larga fita do céo claro apparecia ainda, emquanto no valle as aragens enlanguesciam, estagnadas.

Sobre o elevado planalto do Golgotha estão já installados, aqui e acolá, pequenos grupos de homens, que se tinham apressado em tomar os melhores logares, antes que o cortejo sahisse da cidade.

O sol abrasava a extensão pedregosa, vasta, erma, esteril e triste. A monotonia de um moreno côr de perola era apenas cortada pelas ravinas e socalcos, que

resaltavam tanto mais negros quanto o planalto estava n'esse instante illuminado violentamente pelo sol. Ao longe, erguiam-se altas collinas safaras e pedregosas, envolvidas n'uma neblina violeta.

Mais abaixo, entre as muralhas da cidade e o planalto do Golgotha, estendia-se a planicie fragoenta, mas menos arida. Nas escavações, onde se amontoara um pouco de lodo, erguiam-se figueiras de folhagens escassas. Avistavam-se tambem construcções de tectos rasos, amparadas ás fragas como ninhos de andorinhas; ou tumulos brancos, resplandecendo vivamente ao sol.

N'esse dia, por motivo da proximidade das festas, habitantes de toda a provincia tinham chegado a Jerusalem. Em volta das espessas muralhas da cidade erguera-se um vasto acampamento, com tendas e casebres armados, verdadeiro formigueiro de homens e camellos.

O sol subia sempre no azul ainda desimpedido de nuvens. Era a hora em que, de costume, aquellas alturas estavam mergulhadas n'um severo silencio e todos os sêres vivos procuravam abrigo sob os muros da cidade ou nas sinuosidades dos terrenos.

Mesmo apesar da animação que reinava n'este momento, uma certa melancholia evolava-se da monotona extensão, onde cahia a luz offuscante do sol sobre as molles cinzentas das penedias. E ouvia-se o echo de um rumôr distante que vinha da cidade, como um rolar incessante de vagas, parecendo fundir-se no silencio ambiente.

Os grupos isolados, que desde a madrugada se haviam installado no Golgotha, voltavam a cada passo os olhos para a cidade, na espectativa do cortejo que ia sahir.

A liteira de Antéa appareceu, escoltada por uma dezena de pretorianos, encarregados de abrir caminho através a turba-multa e preservar os estrangeiros das insolencias da plebe fanatica.

Ao lado da liteira caminhava Cinna, em companhia do centurião Ruphilo.

Antéa parecia mais tranquilla, e menos inquieta com a approximação do meio-dia — hora em que se manifestavam as visões pavorosas.

Tudo quanto o pretor dissera do moço Nazareno apoderara-se do seu espirito e desviava-lhe a attenção do mal horrivel de que soffria.

Havia n'isso alguma cousa de extraordinario que ella não podia comprehender.

A humanidade de então vira morrer muita gente tranquilla como as pyras funerarias quando se extinguem ao consumir da madeira. Mas era o resultado calmo da coragem, ou a resignação philosophica em face da necessidade de passar da claridade ás trevas, da vida real para uma outra existencia vaga, aeria, indefinida.

Até então, ninguem abençoara a morte; ninguem morrera na inabalavel certeza de que somente, além da fogueira ou do tumulo, começava a verdadeira vida, a verdadeira felicidade—tão grande e infinita

como só um sêr infinito e todo-poderoso a pode conceder.

Aquelle que deviam crucificar d'ahi a pouco annunciava-o como uma verdade indiscutivel; e esta doutrina impressionara Antéa, parecendo-lhe a unica fonte da consolação e da esperança. Ella sabia que ia morrer, e um infinito pesar trespassava fibra a fibra toda a sua carne.

O que era a morte para ella? A separação de Cinna, de seu pae, de toda a gente, de todo o amor: o frio, o anniquilamento, as trevas. Tanto melhor se sentisse na vida, quanto mais profunda deveria ser a sua angustia. Se a morte lhe podesse servir para alguma cousa, se podesse levar com ella uma parcella da recordação do seu amor, da recordação da sua felicidade, da recordação da sua juventude — então encontraria a força de alma para se submetter.

E eis que de repente, nada esperando da morte, vinham ensinar-lhe que a morte podia dar lhe tudo! E quem lh'o ensinava? Um homem extraordinario, mestre, propheta, philosopho, que prégava o amor aos seus semelhantes como sendo a mais alta das virtudes, que os abençoava na propria hora em que o fustigavam, e a quem iriam pregar d'ahi a pouco n'uma cruz.

E Antéa divagava:

«Porque rasão prégará elle assim, desde que a unica recompensa que d'isso lhe advem é a cruz? Alguns aspiram ao poder. Elle não: e permaneceu humilde. Outros desejam palacios, luxo, festins, vesti-

duras de purpura, quadrigulas atauxiadas de marfim e de nacar. Elle viveu como um pastôr no meio do rebanho. Ensina o amor, a piedade e a pobreza. Não pode ser um máo e enganar deliberadamente os seus semelhantes. Se pois diz a verdade, bemdita seja a morte: a morte, desfecho da humildade terrestre, permutação de uma felicidade menor por uma ventura maior, luz para os olhos que se apagam, azas que levam para a mansão da eterna alegria!...»

Antéa comprehendia agora a proclama da resurreição.

O coração e o espirito da misera doente adoptaram com enthusiasmo esta doutrina. Lembrou-se das palavras de Timon, que muitas vezes affirmava que só a nova verdade conseguiria arrancar a alma humana das trevas e libertal-a das algemas que a manietavam. Era aquella a nova verdade: — victoriosa da morte, trazia a salvação ás almas angustiadas!

Antéa estava tão profundamente immersa nas suas reflexões que, pela primeira vez desde ha muito, Cinna não lhe descobriu no rosto pallido os signaes de habitual anciedade, á approximação do meio-dia.

O cortejo sahiu de Jerusalem e encaminhou-se para o Golgotha.

Da eminencia onde se achava a liteira de Antéa, podiam-se distinguir as mais imperceptiveis minudencias.

Era consideravel a multidão: dir-se-hia comtudo que se fundia no espaço do deserto pedregoso. Da porta da cidade, aberta de par em par, transborda-

vam sempre novas vagas humanas, augmentadas de caminho pela turba que esperava fora dos muros. Ás ilhargas da torrente humana agitavam-se enxames de creanças.

O cortejo coloria-se com a alvura das tunicas e mantos dos homens, dos véos vermelhos e azues das mulheres. Ao centro scintillavam os gladios e os espiculos das lanças dos guerreiros romanos.

O rumôr das vozes chegava, primeiro confusamente, depois em progressão, cada vez mais distincto. Por fim o cortejo approximou-se e as primeiras columnas principiaram a trepar a collina.

A multidão disputava furiosamente os melhores logares, para que nenhum detalhe do monstruoso supplicio deixasse de ser presenceado.

A escolta, que cercava os condemnados, ficou para trás, retardada pelas ondas crescentes do povoléo.

As creanças foram as primeiras a apparecer. Eram na maior parte rapasitos semi-nús, de olhos azues e falla penetrante, com os rins cingidos por um farrapo, os cabellos rapados á navalha, e dous anneis balouçando sobre as temporas côr de azeitona.

Em agudos gritos, atiravam-se para as escavações, á procura de fragmentos de rochas desaggregadas, para arremessar mais tarde aos crucificados.

Atrás d'elles, uma grande parte da turba attingiu a chapada da collina. Todos os rostos se illuminavam á esperança de um espectaculo digno de interesse, mas em nenhum se apercebia o menor vestigio de piedade.

Os clamores, a precipitação da linguagem e a exhuberancia dos gestos, chegavam a surprehender Antéa, apesar de habituada á plebe grega de Alexandria, falladora e barulhenta. Os homens fallavam entre si como se fossem atirar-se uns contra os outros, e vociferavam como se estivessem defendendo a propria salvação.

O centurião Euphilo, approximando-se da liteira, dava explicações a Antéa, n'um tom de voz tranquillo e grave, emquanto da cidade rompiam sempre em tropel novas ondas humanas.

Viam-se habitantes forenses de Jerusalem, que se continham afastados da plebe dos suburbios; camponezes acompanhados das familias, attrahidos pela proximidade das festas; cavadores de surrão ás costas; pastores com o ar atordoado e estupefacto, vestidos de pelles de cabras.

As mulheres baralhavam-se com os homens. Mas como as habitantas abastadas se não expunham facilmente em publico, o que se via mais eram aldeãs fanaticas e ruidosas e cortezãs de tunicas coloridas, de cabellos, supercilios e unhas tingidas, ostentando grandes rocaes de sequins e espalhando até longe, em redor d'ellas, o aroma doce do nardo.

Por ultimo, é o Synhedrim que chega, rodeando Hannan: velho de perfil de abutre e palpebras vermelhas; e o obeso Caiphaz, coifado com a mitra de dous bicos e trazendo as taboas douradas suspensas sobre o peito. Atrás d'elles as diversas congregações de Phariseus: os que *arrastam os pés*, tropeçando de proposito em imaginarios obstaculos; os que se *ensan-*

guentam voluntariamente e cabeceiam pelas paredes; e os que caminham *dobrados*, como promptos a carregar aos hombros os peccados do povo inteiro. A sua importancia taciturna e o contido furor pintado nos rostos, distinguiam-n'os nitidamente do populacho rumoroso. Cinna fitava os transeuntes com o despreso do homem pertencente á nação suzerana; Antéa com espanto e temor. Grande numero de hebreus viviam em Alexandria, mas quasi lhe pareciam gregos. Agora via-os pela primeira vez, taes como lh'os havia descripto o pretor.

O rosto juvenil de Antéa, embaciado já pela approximação da morte, e todo o seu vulto esguio e diaphano de sombra, prendiam as attenções da populaça. A plebe examinava-a com a insistencia que lhe permittia a escolta de pretorianos.

Nenhum rosto testemunhava piedade pela misera enferma. Era manifesto em toda a turba o despreso e o rancôr pela estrangeira. Os olhos irritados dos judeus exprimiam alegria ao contemplar a face cadaverosa da grega.

Então Antéa comprehendeu porque essa gente exigia a crucificação para o propheta que prégava o Amor. E o Nazareno pareceu-lhe de subito como um sêr parente e quasi amado. Ia morrer; ella tambem esperava a morte. A sentença fôra proferida. Cousa alguma podia salval-o. Para ella tambem se pronunciara uma irrevogavel sentença; e parecia-lhe que ambos estavam ligados por uma especie de fraternidade na desgraça e na morte.

Sómente, Elle caminhava para a cruz com a fé de um futuro radioso, emquanto que ella não possuia essa ardente fé. E era ao seu lado que Antéa vinha procurar a esperança.

O tumulto longinquo augmentava; um sibilo varou os ares. Em seguida um urro enorme retumbou. E tudo emmudeceu.

Distinguiu-se o tilintar e retinir das armas, os pesados passos dos legionarios. A multidão retrocedeu desviou-se, e a escolta que conduzia os condemnados alcançou as alturas da liteira.

Adeante, nos flancos e atrás marchavam os soldados; ao centro avistavam-se tres cruzes, que pareciam caminhar no espaço, milagrosamente, porquanto os homens que as conduziam vinham vergados sob a pesada carga, como aleijados.

Podia-se logo perceber que o Nazareno não era nenhum d'aquelles tres homens. No rosto dos dous padecentes liam-se os vestigios de uma vida de crimes e de vicios; e o terceiro, aldeão edoso, paciente e robusto, carregava evidentemente a cruz pelo outro condemnado.

Atrás d'elles caminhava Jesus de Nazareth, entre dous legionarios. Um manto de purpura encobria-lhe as vestes. Da cabeça, cingida por uma corôa de espinhos, o sangue escoava em gottas vermelhas, que lhe escorriam lentamente pela face ou se coagulavam na testa, entre os cabellos, semelhantes a festões de miudinhas rosas silvestres ou aos coraes de um rosario.

Vinha pallido, avançando lentamente, em passos debeis e cambaleantes.

Entre as zombarias da populaça, parecia mergulhado n'uma meditação que ultrapassava os limites do mundo visivel, como desprendido da terra e surdo aos clamores odiosos. Trazia uma expressão de benignidade que excedia a medida do perdão humano, de uma commiseração que excedia a medida da humana piedade; e aureolado já de infinito, pairando n'uma grande altura sobre os males terrestres, parecia comtudo arrastar comsigo o soffrimento de todo o universo.

— É a verdade! — murmuraram os labios palpitantes de Antéa.

O cortejo attingira n'essa occasião a liteira, parado emquanto os legionarios da testeira abriam com os contos das lanças e os pesados gladios, de punhos de bronze, passagem através a plebe barulhenta.

Antéa via agora o Nazareno á curta distancia de alguns passos. Enxergava os seus cabellos ondulando á aragem, os reflexos vermelhos do manto descendo-lhe ao rosto pallido e diaphano.

A multidão, arrojando-se para elle, cercou avidamente os legionarios, que se viram obrigados a retesar os arcos para preservar o condemnado do furôr da canalha. De toda a parte se erguiam punhos crispados. Viam-se olhos esbrugados das orbitas, dentes lusidios, asperas barbas em desordem, boccas babando espuma e rugindo imprecações.

Elle circumvagou pela multidão o olhar candido, como a perguntar:

«Que vos fiz eu?»

Depois ergueu os olhos limpidos ao céo e orou.

— Antéa! Antéa! — exclamou Cinna.

Mas ella parecia não ouvir o seu apello.

Grandes lagrimas desciam-lhe pelas faces. Alheou-se da propria enfermidade; esqueceu que desde tempos immemoriaes não deixava a liteira. Ergueu-se, e toda palpitante, como enlouquecida de piedade, de commiseração, e de indignação contra aquella turba furiosa e em delirio, entrou a arrancar os jacynthos e as flôres de pomar, de sobre os coxins da liteira, espalhando-as piedosamente aos pés do Nazareno.

N'isto, fez-se um grande silencio. Toda a multidão permaneceu surpresa, á vista d'aquella nobre Romana que rendia homenagem a um condemnado.

Este desceu o olhar sobre o rosto pallido e doentio da joven patricia, e os labios exangues agitaram-se brandamente como para abençoal-a.

Antéa deixou-se tombar de novo sobre os coxins de purpura da liteira. Sentia-se inundada por uma torrente de luz, de bondade, de esperança e de felicidade... E ainda uma vez, murmurou:

— Tu és a Verdade!

Depois, novamente, as lagrimas brotaram-lhe dos olhos.

O padecente havia já passado, conduzido para o logar onde, n'uma escavação de rochedo, estavam cravadas as tres couceiras que deviam amparar erguidas as tres enormes cruzes. Uma onda de povoléo escondeu-lh'o por um momento; mas o local do supplicio

era elevado e Antéa depressa tornou a vêr a face pallida de Jesus e a sua corôa de espinhos.

Os legionarios tiveram ainda de fazer recuar pela força, com os cabos de ferro dos arcos, a multidão que embaraçava os preparativos do supplicio.

Içaram-se os dous ladrões para as cruzes lateraes. No alto da cruz central tinham pregado um distico branco, cujas extremidades o vento enrolava e sacudia.

Ao aproximarem-se os soldados do Nazareno para o despir, de entre os espectadores partiram gritos de escarneo.

— Rei! Rei! Não te deixes despir, rei!... Onde estão as tuas legiões?... Defende-te!...

A esses urros misturavam-se gargalhadas. Dir-se-hia que todo o socalco pedregoso estava sendo sacudido por um formidavel paroxysmo de chasco.

O condemnado fôra lançado a terra, para se lhe pregarem as mãos aos braços transversaes da cruz e içal-o, como aos outros, no madeiro.

N'esse instante, um homem postado não longe da liteira, e vestido com uma samarra branca, cobriu a cabeça com cinza e clamou n'uma voz echoante e desvairada:

— Eu era um leproso e elle curou-me! E vão crucifical-o?

Antéa, de uma pallidez de mortalha, suspendeu-se ao braço de Cinna.

— Curou-o!... Ouves, Caio?

— Queres voltar para casa? — perguntou Cinna, muito tremulo.

— Não; quero ficar.

Um incommensuravel desespero, quasi selvagem, apoderou-se de Cinna, ao pensar que não recorrera ao Nazareno para sarar Antéa.

Mas n'esse momento, os soldados applicavam os cravos ás mãos do condemnado, e principiavam a enterrar lh'os a pancadas de martello.

Ouviram-se as pancadas amortecidas do ferro resoando no ferro... Depois o som horrivel tornou-se mais distincto, quando os cravos trespassaram as carnes e começaram penetrando na madeira.

A multidão calara-se para escutar os lamentos que a dôr devera arrancar aos labios do Nazareno.

Mas este permanecia mudo; e por toda a esplanada apenas se ouviam as sinistras pancadas do martello.

Por fim, quando se terminou o trabalho, ergueu-se na cruz o corpo já sanguinolento do suppliciado. Com uma voz cantante e monotona, o centurião deu as ordens para se pregarem ao poste os pés de Jesus.

As nuvens que desde a manhã se agglomeravam, obscureciam agora todo o céo. O cegante fugôr em que ardiam as collinas longuinquas e as penedias, apagou-se subitamente. A luz desceu. Uma sombra sinistra, de um vermelho de cobre, envolveu toda a região, condensando-se á medida que o sol se submergia na profundidade espessa das nuvens.

Dir-se-hia que alguem semeava das alturas esmagadoras trevas. Uma ventania ardente varreu uma primeira vez a terra, e uma segunda; e pa-

rou. A atmosphera tornava-se de um insupportavel peso.

De subito, os vermelhos clarões escureceram por sua vez. As nuvens, taciturnas como a noute, desceram por enormes avalanches sobre o povo e o planalto. A tempestade approximava-se... Toda a terra respirava anciedade.

— Voltemos para casa, — disse de novo Cinna.

— Quero vel-o ainda, — respondeu Antéa.

A penumbra escurecia os corpos suspensos das cruzes. Cinna deu ordens para que transportassem a liteira para mais perto do calvario.

Sobre o madeiro escuro, o corpo do Crucificado parecia, a meio da obscuridade ambiente, como tecido a raios de luar. Soerguia-lhe o peito uma respiração oppressa, mas a cabeça e os olhos continuavam voltados para o céo.

Do seio profundo das nuvens partiu um longinquo estrondo.

O trovão acordou os echos do céo, rolou com um ensurdecedor fracasso desde o oriente ao occidente... Depois, como n'uma especie de queda n'um precipicio sem fundo, diminuiu, redobrou, para rebentar n'uma explosão que estremeceu a terra até ás entranhas.

E logo um relampago formidavel e azul rasgou as nuvens, illuminou violentamente o céo, a terra, as cruzes, as couraças dos guerreiros e a turba, amontoada como um rebanho espavorido de carneiros.

Uma mais profunda obscuridade succedeu ao relampago.

A meio do silencio ouvia-se o soluçar convulso das mulheres acolhidas ao pé da cruz.

Aquelles que tinham vindo juntos e se haviam perdido na confusão e no tumulto, interpellavam-se em alta voz. Aqui e alem, vozes inquietas erguiam-se

— Oyah! Não teriamos crucificado um Justo?

— Elle testemunhava a verdade! Oyah!

— Elle resuscitava os mortos! Oyah!

Alguem clamou:

— Desgraçada de ti, Jerusalem!

E outra voz gritou espavorida:

— A terra treme!

Uma nova torrente de relampagos desencadeou-se das profundidades das nuvens, semelhantes a gigantescas labaredas. As vozes extinguiram-se no estrepito da tempestade, que se erguia com medonho furôr, arrancando aos homens os mantos e dispersando-lh'os pela planicie.

— A terra treme! — de novo gritavam entre a confusa turba.

Uns fugiam, largavam a correr por entre as penedias, descendo as ribanceiras; outros, immobilisados pelo terror, permaneciam como petrificados, na vaga consciencia de que alguma cousa de horrivel acabava de succeder.

Mas eis que de repente as trevas se dissolvem. O vento vae dispersando as nuvens, distendendo-as como elasticos, embrulhando-as como novellos, para as rasgar depois como farrapos sujos. A claridade augmenta. Por fim, o véo sombrio entreabre-se, e pelo rasgão

precipita-se uma onda fulgurante de raios solares. Tude se illuminou: o calvario, as cruzes, as faces terrificadas.

A cabeça do Nazareno inclinava-se sobre o peito, pallida como cêra. Os olhos permaneciam abertos e os labios tinham-se tornado lividos.

— Morto! — murmurou Antéa.

— Morto! — repetiu Cinna.

N'este momento, o centurião, erguendo a lança, rasgou com o espiculo relusente o flanco do suppliciado.

E cousa singular: ao tornar a vêr aquelle sol e aquelle morto, a multidão reanimou-se, foi-se approximando aos poucos do local do supplicio, de onde os soldados a não expulsavam já.

Vozes zombeteavam:

— Desce da cruz! Desce da cruz!

Antéa contemplou ainda aquella divina cabeça inclinada, e disse em voz baixa, como a si mesma:

— Resuscitaria elle, com effeito?

Via-lhe os olhos e os labios maculados de nodoas violaceas, os braços hirtos e inertes, o corpo immovel e descahido, mas não obstante, o som estranho da sua voz revelava uma desesperante duvida.

A mesma duvida atormentava a alma de Cinna. Tambem não acreditava na resurreição do Nazareno, mas parecia certo que, emquanto vivo, só Elle, pelo seu poder malefico ou maligno, poderia curar Antéa.

A multidão augmentava incessantemente em volta da cruz. Cada vez mais escarninhas, as vozes recomeçavam a zombar:

— Desce da cruz! Desce da cruz!

— Desce! — exclamou Cinna, de todo o seu coração desesperado. — Cura-a, e levarás comtigo a minha alma!

O céo tornou-se limpido. Os montes ficavam ainda envoltos na bruma. Mas por cima do Golgotha e da cidade não pairava mais uma unica nuvem. A torre Antonia resplandecia ao sol como um outro sol. No ar, que refrescara, revolteavam agora centenas de andorinhas.

Cinna fez signal de que era necessario voltar.

Desde muito, a hora meridiana passara. Ao approximar-se de casa, Antéa disse:

— Hecata não veio hoje!

Cinna já tinha pensado n'isso.

IX

A visão não reappareceu no dia seguinte.

A doente sentia-se animada, porque Timon, inquieto com a saude de Antéa e alarmado por uma carta de Cinna, deixara á pressa Alexandria e tinha chegado n'essa manhã de Cesaréa para rever pela ultima vez a sua filha unica.

A esperança recomeçava a bater ao coração de Cinna, pedindo que a deixassem entrar. Mas Cinna não ousava abrir-lh'o e não ousava esperar.

Em Alexandria e no deserto, acontecera-lhe ter d'estes intervallos de esperança entre as visões que massacravam Antéa; mas apenas de um dia, nunca de dous.

Cinna attribuia o allivio actual á presença de Timon e á impressão que Antéa trouxera do supplicio; impressão tão profunda que não podia fallar de outra cousa, mesmo com seu pae.

Este escutava-a com recolhimento, sem replicar.

De outras vezes interrogava-a sobre a doutrina do Nazareno, da qual Antéa apenas sabia o que lhe dissera o pretor.

A doente sentia-se melhor e mais robusta, e um raio de esperança tremeluziu nas suas orbitas quando a hora do meio-dia passou sem as visões. Repetidas vezes, Antéa qualificou esse dia de auspicioso e supplicou a Caio que d'elle se lembrasse e nunca o esquecesse.

Mas lá fora estava um dia frio e sombrio. Das nuvens baixas e monotonas cahia sem descontinuar uma chuva, primeiro copiosa, depois fina, fria, trespassante.

Apenas para a tarde o sol aclarou e o grande disco solar coloriu de purpura e ouro as nuvens, as penedias cinzentas do deserto, o marmore branco dos porticos das villas, para ir mergulhar em seguida, muito longe, nos abysmos do Mediterraneo.

Em compensação, ao outro dia, o tempo appareceu esplendido. A tarde ameaçava ser quente, mas a manhã era cheia de frescura, o céo sem a mais pequenina nuvem, e a terra de tal maneira inundada da rutilancia do azul, que todos os objectos pareciam azulados.

Antéa fez-se transportar para debaixo do seu alfostigo favorito, que dominava toda a collina.

Cinna e Timon, sem abandonarem por um só instante a liteira, espiavam o mais leve movimento nas feições da convalescente.

Notaram uma vaga inquietação produzida pela es-

pectativa, mas cousa alguma d'esse pavor mortal que a invadia de costume á approximação do meio-dia. Agora, o seu olhar era mais limpido e as faces tinham-se colorido de um debil resplendor côr de rosa.

Finalmente, Cinna ousava esperar que sua mulher podesse sahir victoriosa da medonha doença. E a este pensamento experimentava o desejo de rebolar pela terra, deixar correr livremente as lagrimas de alegria e abençoar os deuses. Mas depois, um outro pensamento vinha apertar-lhe o coração. Talvez tanta melhora fosse apenas o bruxolear de uma luz que vae extinguir-se. Querendo a todo o transe fortificar a sua esperança, voltava a cada momento os olhos para Timon. Mas o philosopho teve sem duvida o mesmo pensamento, porque desviava sempre o olhar de Cinna.

Ninguem fez a minima allusão á proximidade do meio-dia. Mas Cinna, que não cessava de seguir o progresso da sombra, sentiu palpitar o coração quando reparou que ella ia diminuindo rapidamente, minguando a cada pulsação das arterias.

Ficaram assim, immersos n'uma especie de meditação; e a menos inquieta parecia ser a propria Antéa.

Estendida na liteira descoberta, a cabeça pousada n'uma almofada de purpura, aspirava com delicia as emanações frescas que a brisa trazia do occidente, dos lados do mar.

Mas á approximação do meio-dia, esta brisa tornou-se mais debil, emquanto o calor augmentava. Os tufos de nardo, aquecidos pelo sol, exhalavam um capitoso perfume. Sobre um grupo de anemonas revol-

teavam borboletas matizadas. Pequenos lagartos, já habituados áquella liteira e áquelles vultos, sahiam sem receio dos esconderijos. A terra inteira repousava, sob a influencia da luz e do calôr debaixo do zimborio sereno do firmamento azul.

Timon e Cinna pareciam abysmar-se tambem na paz immensa. Como solicitada pelo somno, a doente desceu as palpebras, e só um profundo suspiro, sahido do seu peito, veio perturbar o silencio. De repente, Cinna reparou que a sombra perdera a forma oblonga e se aquietara, encolhida, a seus pés.

Era meio dia.

Antéa abriu os olhos, disse n'uma estranha voz:

— Caio, dá-me a tua mão!

Elle ergueu-se bruscamente, com o sangue esfriado nas veias. Approximava-se o momento horrivel das visões.

— Vês, — exclamou Antéa, — esta luz que se accumula lá ao longe, no ether? Como ella treme, scintilla, caminha para mim...

— Antéa, não olhes para esse lado! — bradou Cinna,

Mas, oh milagre! o seu rosto pallido não exprimia nenhuma especie de terror. Os labios abriram-se, os olhos engradeciam-se n'uma contemplação radiosa, e uma alegria incommensuravel inundou-lhe a face transfigurada.

— Uma columna de luz caminha para mim, — exclamou. — Vejo! .. É Elle! É Jesus de Nazareth!... Sorri... Oh! o doce! .. Oh! o misericordioso!... As mãos trespassadas estendem-se sobre mim como as

mãos de uma terna mãe!... Caio! Traz-me a saude, a salvação, e chama-me...

Cinna, muito pallido, respondeu:

— Se nos chama, vamos com elle!

Uma hora depois, do lado opposto, no atalho pedregoso que subia da cidade, appareceu Poncio-Pilatos. Pelo semblante, podia averiguar-se que trazia alguma nova considerada por elle, — inimigo de exageros, — como uma invenção da plebe credula e ignorante.

E com effeito, gritou ainda de longe, enxugando a testa banhada de suor:

— Imaginae... Essa gente pretende que elle resuscitou!

FINIS